

## Editorial

(...) *Meu corpo ordena que eu saia  
Em busca do que não quero,  
e me nega, ao se afirmar  
Como senhor do meu Eu  
Convertido em cão servil*  
(Carlos Drummond de Andrade)<sup>1</sup>

Os leitores podem estar se questionando sobre a razão da repetição do tema corpo, já publicada no Número 3 desta revista<sup>2</sup>. Neste sentido, existem muitos fatores que nos levaram a trazer de volta o corpo como epicentro desta edição<sup>3</sup>, quais sejam: a sua evidência na produção científica<sup>4</sup>, nas imagens da Mídia e da Publicidade, bem como no mundo esportivo, repleto, sobretudo, de estéticas corporais mercantis.

Quando se trata do corpo esportivo, o que se vê é um corpo dominado pelos interesses do mercado – em especial pelos monopólios midiáticos, Indústria Cultural Esportiva, transnacionais (Nike, Adidas e outras) e poder esportivo nacional e internacional COI, COB, CBF. Em suma, todo esse aparato propagador das imagens do corpo sarado, elegante, belo, bem cuidado e saudável – corpo esse compatível com a lógica da produção de mercadorias.<sup>5</sup> E é desta forma que, como diz Frei Betto: (...) morreremos todos esbeltos e saudáveis: o cadáver, impávido colosso, sem uma celulite<sup>6</sup>. Neste sentido, as ilustrações do artista Cláudio Fonseca, inspiradas no corpo gordo, porém não obeso, do colombiano Fernando Botero, constituem-se em metáforas para a reflexão sobre essa estética corporal que nos é imposta pela indústria de produtos de embelezamento corporal (alimentação, dietas, ginástica etc).

Portanto, pode-se concluir que o mundo esportivo está, de maneira insofismável, coerente com técnicas e táticas da motricidade dos corpos produtivos e perpetuadores do capital. Essa domesticação do corpo no âmbito das práticas esportivas está intimamente ligada com aquilo que Boltanski (1989)<sup>7</sup> chamou de cultura somática do corpo e Medina (1987)<sup>8</sup> de cultura burguesa do corpo, cujos cuidados se dão através do consumo de práticas corporais alternativas, como:

---

<sup>1</sup> Fragmentos do poema *As Contradições do Corpo*. Novos Poemas. Rio de Janeiro: Record, 1998.

<sup>2</sup> UFS - Ano II – No. 3 – Janeiro, 1990.

<sup>3</sup> Tendo em vista o grande número e a qualidade dos artigos recebidos sobre a temática Educação Física, Corpo e Sociedade, aliado às restrições de espaço impostas pela Editora da UFSC, decorrente da crise econômica que investe sobre as instituições universitárias públicas, resolvemos dividi-la em dois volumes, respectivamente nas revistas 15 (v.I) e 16 (v.II).

<sup>4</sup> Referimo-nos, por exemplo, ao livro de Ana Márcia Silva e aos organizados por Carmen Lúcia Soares e José Carlos Grando.

<sup>5</sup> Silva, Ana Márcia, 1999 (Tese de Doutorado em Sociedade e Meio Ambiente/UFSC).

<sup>6</sup> Frei Betto. *Políticas do Corpo*. Folha de São Paulo. Opinião 1-3, 13/02/2000.

<sup>7</sup> Boltanski, Luc. *As Classes Sociais e o Corpo*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

<sup>8</sup> Medina, João Paulo. São Paulo: Papirus, 1987.

massagem, ginástica, esportes radicais, yoga e outras. Tais práticas, destinadas exclusivamente às elites, estão diretamente ligadas aos cânones de beleza das classes superiores. Em contrapartida, as classes trabalhadoras constroem suas práticas corporais, através do trabalho alienado, precário, insalubre e pesado e, de outro lado, esses mesmos corpos se expressam através da cultura lúdica, sobretudo, através dos jogos e práticas tradicionais de lazer – hoje quase em extinção, em virtude da não apropriação e usufruto do suposto tempo livre por parte dos trabalhadores assalariados.

Também não se pode desconsiderar que, na modernidade, o corpo é vilipendiado, maltratado, violentado pelas políticas sociais inerentes à lógica capitalista neoliberal, cuja reprodução social e produção de riquezas se dá segregando corpos, solapando os direitos dos trabalhadores outrora conquistados, condenando-os, assim, ao desemprego e à miséria em nome da suposta estabilidade da moeda e dos Planos de ajuste do FMI e do Banco Mundial.

Toda essa discussão sobre o Corpo e Sociedade, a nosso ver, passa também pela reflexão sobre a natureza do processo de globalização que vem aviltando o corpo social dos países periféricos, cuja máxima se funda, no dizer de Milton Santos<sup>9</sup>, na tirania da informação e do dinheiro, na competitividade e na violência estrutural – que, em última instância acarreta o desfalecimento da política realizada pelo Estado e, conseqüentemente a imposição de uma política comandada pelas empresas.

Nestes termos, pode-se dizer que a Globalização perversa, produz corpos marcados como gado por estas políticas de exclusão e/ou inclusão precária e marginal<sup>10</sup>, cujo caráter destrutivo tem como pressuposto a promessa de incluir – excluindo! Esses sinais do neoliberalismo podem ser constatados nos corpos produtivos que são a representação real do trabalho produtivo, isto é, trabalho humano abstrato e não deste como atividade vital e emancipatória. O corpo produtivo, portanto, opera através da mediação entre o social e o biológico sob a égide do trabalho socialmente necessário, cujo fim único é trabalhar para manter-se e satisfazer as meras necessidades necessárias e, consecutivamente para produzir/trabalhar a fim de tornar mais rentável o capital.<sup>11</sup> De fato, essa realidade é possível ser visualizada em todo o mundo, através dos dados do próprio Banco Mundial: dos 6 bilhões de habitantes do mundo, 2,8 bilhões sobrevive com renda mensal inferior a 60 dólares, e 1,2 bilhão com menos de 30 dólares; mais de 1,5 bilhão de pessoas não têm acesso a água potável e cerca de 125 milhões de crianças em idade escolar não freqüentam escolas.<sup>12</sup>

---

<sup>9</sup> Cf. Santos, Milton. *Outra Globalização: do pensamento Único à Consciência Universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

<sup>10</sup> Cf. Martins, José de Souza. *A Exclusão e a Nova Desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997.

<sup>11</sup> Cf. Guery, F. e Deleule, D., *Le Corps Productif*. France: Reéres-Mame, 1972. Ver também Antunes, Ricardo. *Adeus ao trabalho*. Campinas/SP: Ed. UNICAMP, 1995.

<sup>12</sup> C. Frei Betto. Revista Caros Amigos, número 8 – março 2001 : 19.

Em contrapartida, o movimento dialético da história tem revelado, à luz dos descaminhos da racionalidade dominante, a emergência de novas variáveis centrais e o papel dos pobres na produção do presente e do futuro, mostrando assim, que esta globalização não é irreversível e que a história não acabou – apenas começa! Portanto, o que está em marcha é uma mudança histórica, da qual emergem os corpos e músculos secretos da sociedade civil<sup>13</sup>, cujo movimento

*(...) realizado de baixo para cima, têm como sujeitos e atores principais os países subdesenvolvidos e não os países ricos; os deserdados e os pobres e não os opulentos e outras classes obesas; o indivíduo liberado partícipe das novas massas e não o homem acorrentado; o pensamento livre e não o discurso único.*<sup>14</sup>

Desta maneira, a temática do corpo e sociedade é abordada transversalmente em quase todas as seções deste número 15 da Motrivivência. É assim, por exemplo, no setor de **artigos**, que conta com as contribuições relevantes de Denise Bernuzzi de Sant’Anna, Frei Betto e Teodora de Araújo Alves.

**Denise**, que já há algum tempo tem feito bem-vindas aproximações ao campo da Educação Física, discute as relações entre tecnologia e cultura a partir de exigências do esporte-espetáculo, objetivando perceber a emergência de novas e inusitadas sensibilidades sobre o corpo.

Já **Frei Betto**, em texto transpassado de saudável indignação, denuncia as conseqüências das políticas neoliberais – discriminações, exclusões, violências, erotização, narcisismo, etc. – sobre o corpo social e contrapõe uma corporalidade holística, saciada de dignidade e respeito aos direitos humanos.

Enquanto isso, **Teodora** reclama para a Educação o compromisso de proporcionar vivências que possibilitem um diálogo do ser corpóreo cultural e social com as dimensões do local e do universal, da sensibilidade e da racionalidade.

Ainda na temática, a editoria perguntou a autores sobre “o corpo nosso de cada dia: por onde ele anda, para onde ele vai?” O primeiro **Ponto de Vista**, de **Alex Branco Fraga**, percebe o corpo como produção cultural, resultante de diversos discursos e da tecnologia corporal, aproveitando para questionar visões utilitaristas da Educação Física na construção da nossa anatomia e subjetividades. A seguir, **Ana Maria Hoepers Preve** e **Guilherme Carlos Corrêa** examinam os modos de ser do corpo na sociedade de massas, sustentados por forças e discursos que atuam no espaço escolar e também se utilizam de dispositivos comunicacionais diversos.

Em **Experimentando**, **Alexandre Fernandez Vaz** relata contribuições e reflexões da Educação Física, envolvendo a análise de corpo e movimento/natureza e cultura, no projeto especial de ensino fundamental para agricultores adultos, o Terra Solidária.

---

<sup>13</sup> Cf. Galeano, Eduardo. *De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso*. Porto Alegre: LPM, 1999.

<sup>14</sup> Santos, op. cit : 14-15.

Na seção destinada à divulgação da organização e produção acadêmica de **Grupos de Estudos**, temos a colaboração dos componentes da Linha de Estudo e Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer da Faculdade de Educação da UFBA – **LEPEL**, e também do **GLEC** – Grupo de Estudos Lazer e Cultura, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Faculdade de Educação Física da UNICAMP.

**Cientifique-se** tem a oportunidade de veicular textos-sínteses de duas produções de pós-graduação *stricto sensu*: **Andrea Moreno** (orientadora: Carmen Lúcia Soares), em tese de doutorado apresentada à Faculdade de Educação da UNICAMP, e **Agripino Alvez Luz Junior** (orientador: Elenor Kunz), na dissertação de mestrado em Educação Física na UFSC. O primeiro texto expõe mosaico de imagens e textos sobre a ginástica (e sua ausência) na vida cultural da cidade do Rio de Janeiro, na transição entre os séculos XIX e XX. O segundo identifica e analisa os chamados “estudos de gênero” nas dissertações e teses da Educação Física brasileira nos anos 80 e 90.

Em **Porta Aberta**, permitimo-nos a republicação autorizada de artigo de Contardo Calligaris, veiculado originalmente na Folha de São Paulo, por entendê-lo bastante pertinente e de enfoque original à temática deste número: a crítica à dolorosa perseguição ao modelo social (e impossível) de embelezamento do corpo masculino.

Antes de nos despedir, lembramos que nesta edição a homenagem vai para João Cabral de Melo Neto – inegavelmente um dos maiores representantes da poesia brasileira. Nossa intenção em homenageá-lo não decorre só pelo conjunto da sua obra, mas também pela forte presença do corpo brasileiro/nordestino, contida de forma manifesta e oculta na grandeza de seus versos, como por exemplo, em *Morte e Vida Severina* e *Festa na Casa Grande*.

Saudações dos Editores

Maurício Roberto da Silva  
Giovani De Lorenzi Pires